

A deslealdade dos monarquicos

Aqueles que de perto me conhecem e que comigo privam, sabem bem quanto eu sou inimigo da deslealdade e assim, ocorre-me na presente occasião verberar com indignação o procedimento de um grande numero de individuos, que se dão ao *luxo* de se dizerem monarquicos; e, se digo que se dão ao *luxo* de se dizerem monarquicos, é devido á convicção em que me encontro de que muitos deles teriam séria dificuldade em explicar a razão porque são partidários do regime de ignomias, deposto em 1910, e se fosse possível um monarquico falar com a franquesa que caracteriza as pessoas que não mentem, esses cavalheiros confessariam que se achavam nas fileiras realistas, em virtude de, em Portugal, ser *chic* o facto de alguém se dizer monarquico.

Mas, das creaturas que assim procedem, pouco mal pode advir á Republica, pois que se poderão classificar de inconscientes, o que no entanto não obsta a que as vigiemos porquanto como toda a gente sabe, as creanças também são inconscientes, e quando lhes apraz, não deixam de praticar a sua diabrura...

Outros existem, porem, que se não são monarquicos por idealismo, serão talvez por interesses de diversa natureza, e é desses que devemos acautelar-nos, visto tratar-se de pessoas que lançam mão de todos os processos para atingirem os seus objectivos.

Desde a implantação da Republica que estes maus portugueses adoptam como sistema de combate, sempre que se lhes apresenta oportunidade, procurarem imiscuirem-se mais ou menos nos altos cargos administrativos do país, com o unico fim de, creando de todas as formas embaraços á Republica, evitar que Ela trilhe o caminho a que tem direito, e pelo qual devia singrar distribuindo os beneficios de uma sã democracia, e assim tentarem provocar a descrença republicana na massa popular.

A comprovar o que deixo exposto, lembrarei o que se passou durante o periodo de dezembro, em que os monarquicos afivelando ao rosto a mascara republicana assenhorearam-se da governação publica, para pouco a pouco irem preparando a infame sortida de Monsanto.

Será isto um processo leal e honesto?

Todos os que se presam e que possuem uns rudimentos de uma sã moral, responderão negativamente.

Estou convencido de que a forma mais eficaz de enfrentar cavalheiros de semelhante quilate, será a de todos os republicanos procurarem efectivar uma administração honesta e inteligente, repleta de principios democraticos, para assim se invalidar os manejos de tão honrada gente.

E como conseguir este desideratum?

Simplesmente creando uma perfeita comunhão de idéas, formando desta maneira uma só e grande familia republicana, e então, depois de formada esta barreira inexpugnável, não tenho duvida em afirmar que a Republica enverederá, enfim, pelo caminho do triunfo, magestosa e imponente, sem o menor receio de ser traiçoeiramente atacada pelos embusteiros que por tantas vezes tem tentado assassina-la.

Avô

O 9 de Abril

A comemoração do 10.º aniversário da grande e heróica batalha de La Lys nesta vila, que tem os seus Mortos da Grande Guerra, foi imponentissima.

Nos anos anteriores guardavam-se, mais ou menos respeitavelmente, dois minutos de silencio. Este ano foi-se mais longe, e em vez de uns minutos guardouse o dia todo.

Além disto houve ainda uma missa por iniciativa particular, e as lágrimas glorificadoras de quem lá perdeu alguém. Que Mnemosyna nos não abandone—de todo!

Atelier de Chapeus

— DE —

Elisa Miranda da Silva

R. D. Antonio Barroso, 98 a 100
BARCELOS

Participa a todas as Ex.^{mas} freguezas que por estes dias recebe Chapeus de palha para Senhora e Criança, os ultimos modelos de Paris.

NOVAS ESCOLAS

Anuncia-se para breve a inauguração, e com a presença do sr. ministro da Instrução Publica, do recentemente acabado edificio do Colégio com o funcionamento de algumas das escolas primárias da vila.

Sabe-se também que a Comissão Municipal vai ser louvada oficialmente pelos serviços prestados á instrução.

Não deixamos de nos congratular com estes sucessos porque vemos que nos alicerces desta obra, cujo facto se vai agora coroar, tiveram valiosa colaboração as camaras eleitas, abrutamente postas de lado.

No balanço que, imparcialmente, queremos dar á vida da Nação, desejamos fazer justiça a todos.

Por isso não nos passam despercebidos os menores detalhes e pormenores mais insignificantes.

Ora foi a penultima camara eleita que deliberou e conseguiu fazer a aquisição do edificio do Colégio que, confrangedoramente, permanecia abandonado ás degradações do tempo e dos homens.

E conseguiu-o, atravez de todas as peias e dificuldades, com a valiosa intervenção dos nossos illustres parlamentares sr. dr. Augusto Monteiro e Marques de Azevedo que puzeram neste assunto, como em todos, a mais carinhosa dedicação. Assim, a Camara obteve condições vantajosissimas de preço e forma de pagamento. Fez uma transacção muito vantajosa com os titulos que possuia de Divida Publica, provenientes de remissão de fóros.

A ultima vereação, mesmo sem cuidar do destino do edificio, fez as obras indispensaveis e urgentes de conservação e protecção, que não permitiam delongas.

E, para a sua conclusão, lá deixou bem armazenado cerca de dois mil escudos da preciosa e barata madeira de castanho.

O que tudo isto foi e representa de canceiras e trabalho pelos bens de todos só o pode avaliar quem um dia passou por identicas responsabilidades. Assim foram lançados os alicerces da obra que a actual Comissão Administrativa concluiu e vai inaugurar.

Da vergonha que era, para o Estado, o abandono daquêle edificio, vai surgir, para o municipio, um belo fóco irradiando luz!

Ainda bem!

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

Desiludido, Arguto & C.

O Arguto do *Barcelense* foi pouco ou nada arguto quando encarapuçou *Uma pergunta innocente* na cabeça do Costa do Quintas a proposito desproposito de bombas e bombistas.

Ora o sr. Antonio Rodrigues Gomes da Costa, genro do sr. José Pereira da Quinta, unica pessoa geralmente conhecido pelo Costa do Quintas, foi ao *Barcelense* pedir o desmentido daquela *Pergunta*, sob pena de procedimento criminal, porque não quer o seu nome, que muito prêsá, envolvido em *argutices*, que o mesmo é dizer *intrugices*, e no ultimo n.º lá vem que aquilo não se entende com o sr. Antonio Rodrigues Gomes da Costa. Foge, rafeiro, para não apañares!

Na casa comercial do sr. José Pereira da Quinta & C.^a ainda ha outro Costa, o sr. Joaquim da Costa e Silva, mais conhecido pelo «Joaquim do Quintas», mas ainda mesmo que fosse indicado pelo tal *sobriquet*, só applicado ao primeiro Costa, ele afirma não ter dito o tal *espirituoso* dichote, mesmo porque não frequenta, pelo seu modesto viver, os grupos dos tais amigos *gameleiros* da Liga de Paris.

Então quem será o sobredito cujo Costa do Quintas?

E esta de *O Barcelense* saber que os *gameleiros adeptos* da Liga de Paris deram grande sorte com a sua noticia!...

Isto é que ele é arguto!

Provavelmente leram essa pachouchada dispensando-lhe por favor um sorriso de desprezo.

Por tudo isto se pode avaliar a verdade que o Arguto põe nas suas argucias! E' cada carapetão!

Valei-lhe, Santo Antonio dos Carecas!

Mas, Argutinbo amigo, quem é o tal terceiro Costa do Quintas, ou Costa Quintas, com do ou sem do?

Expedição de malas postais

Da estação central dos Correios de Lisboa fazem-se as seguintes expedições de malas postais:

Dia 12, pelo paquete «Guiné», para Cabo Verde, Bissau, Bolama e Loanda.

Dia 13, pelo paquete «Alea», para Las Palmas, Madeira e por via Funchal, para a Africa Atria, Cap-Town, Elisabeth, e Africa Austral.

Dia 14, por via Algeciras e Gibraltar para a ilha de Timór e pelo paquete «Alcantara», para o Rio de Janeiro, Santos e Argentina.

Todas as terças-feiras partem do Funchal e por paquetes inglezes malas postais para a Africa Austral, Cap Town e Elisabeth.

Do
galinheiro

PEQUENAS NOTAS

LEVES COMENTARIOS

SOCIÉDADE

Há dias correu no Gil Vicente *A Montanha Sagrada*. A casa estava regular. No entretanto a fita é uma das melhores que têm vindo a Barcelos. Muito superior ao *Inferno de Dante*, não teve o réclamo de que esta vinha empenachada, e daí a só concorrência habitual.

Sinal dos tempos? Falta de ambiente? Digam-no os sábios da escriptura...

A Montanha Sagrada é uma fita alemã. Tanto basta para se saber que sobre uma acção secundária predomina um intenso e maravilhoso jôgo fisionómico.

São assim as produções dos alemães. Com o mesmo assunto que os americanos esgotariam em duas partes, preenchem aqueles um drama extensô. E distribuem tão bem as scenas, que o espectador nunca se cansa, nunca se sente adormecer. O enredo, que para uns é simples pretexto de entusiasmar o público afim de que ele pague e saia do cinema com o espirito descuidado e contente, por um epilogo feliz, é para outros uma ocasião de fazer arte.

A Montanha Sagrada marca definitiva e insofismavelmente a vitória do cinema sobre o teatro postos no mesmo campo. Servindo-se nos seus scenários unicamente da natureza (que o mesmo é dizer: da verdade) o encenador que montou esta película provou que é falsa a afirmação de que o cinema só vale quando é ajudado pelos recursos do seu artificialismo inesgotável. De facto, quando o cinema ergue a Opera de Paris em papelão ou uma paisagem em pano de fundo, o cinema não faz arte porque não cria: apenas imita.

É imitar sem interpretar sem, comunicar à beleza objectiva a concepção subjectiva da mesma beleza sentida por uma alma de artista, é fazer um acto mecanicamente ou racionadamente.

É, portanto resolver um problema, e não—fazer arte.

O individuo que faz no seu studio tal ou tal cidade em papelão, o que nos mostra não é o poder criador do cinema, é o poder realizador do cinema, é o poder puramente industrial dos seus engenheiros e dos seus maquinistas.

É um cinema que faz tudo menos criar ou estilizar, é tudo menos uma arte.

A Montanha Sagrada é uma obra artistica porque é a reprodução da verdade tirada do verdadeiro, posta ao serviço dum drama todo humano, dandô-nos uma impressão de realidade raras vezes conseguida pela escola realista do cinema ou do teatro.

O enredo, interessante trabalho de psicologia, onde cada figura tem o seu caracter bem

Auténtico.

Noite fria, triste, de inverno intenso.

A' lareira—á classica lareira—hospedeiro, hóspede e mais gente da casa em conversa alegre passam as horas que devem mediar entre a ceia e a cama.

Batem á porta. Quem é? Sou eu, senhor fulano. Abre se a porta e com gestos perfumados por uma delicadeza postiça entra o visitante.

Faça como nós, puxe esse môcho e chegue-se para o lume.

Que há? pergunta o dono da casa. Que há-de ser! Venho aflito, perturbado, sem sangue!... Imaginem que fulano foi jurar falso contra minha mãe no processo-crime que fulano lhe moveu, não sei porquê!!!

Depois duma leve pausa, continua:—Mas o que mais nos faz admirar é que sendo ele quem nos valeu, quando foi da venda que fulano nos fez, chegando a fazer por nós coisas espantosas, admiráveis, quasi impossíveis, veuha hoje tam injusta, tam injuriosamente afirmar coisas que se não disseram, dizer coisas que não viu, nem podia ver!...

Sim, respondemos, não se compreende como tam facilmente se possa passar de amigo tam dedicado a inimigo tam irredutível. Mas conte, conte.

Diga esses prodígios, essas maravilhas essas coisas quasi impossíveis que o homem praticou.

E o visitante, por entre a sua aflicção, por entre a sua perturbação, e por entre a sua falta de sangue, recomeçou:—

Os senhores sabem que fulano nos fez venda dos seus prédios. Sim, sabemos e como nós o sabe toda a gente cá da terra.

Pois fiquem sabendo tambem que se fulano—o causador das perturbações--não fôsse, nós não teriamos hoje nada.

Porquê? perguntamos.

Porque fulano se fez perfilhar no respectivo *Livro das Perfilhações*.

?!!!
E depois? Depois foi o que os senhores podem imaginar...o diabo.

Certa noite, fria, triste, de inverno intenso como esta apparece-nos em casa esse tal fulano e diz-nos:—

Estais perdidos! Nada feito! Só com grandes pedidos, grandes amigos e com grandes trabalhos vos pode ser assegurado o que a fulano comprastes!

vincado—e bem nobre—, revela-se-nos pelas maravilhosas e riquissimas expressões dum jôgo fisionómico superior de que os alemães têm o monopólio, e pelos gestos e atitudes, teatraes, mas humanos; gestos cuja espontaneidade compreendemos mas que só um artista sabe exe-

No *Livro das Perfilhações*, fulano conseguiu fazer a sua perfilhação.

Mas...como pode isso ser? perguntou minha mãe.

Como pode ser?!! Declara-o em bom portuguez o tal *Livro das Perfilhações*.

Ficamos aflitos! Minha mãe quasi cai com um *fanico*, e eu quasi adormecia sem ter sono!

Depois de um pouco animados, combinamos as coisas, os caminhos a seguir, os meios a empregar. Saiu. Passados oito dias apparece-nos de novo, mas desta vez acompanhado por um

Canudo que ás costas trazia, como os citôtes de outras eras, um canudo de folha limpa, reluzente, como se fôra um espelho de fino cristal. Sentaram-se ao lume e como sempre lhe preparamos o café. Passados alguns minutos, o homem tirando o chapéu, coçou a cabeça e começou a contar-nos os seus trabalhos, os dias perdidos, os amigos ocupados, o suor que pela face lhe correu. Nem o proprio Cristo com a Cruz, a caminho do Gólgota!!

Estupefactos, suspensos, esperavamos o desfecho da narração. Continue, dissemos.

E o homem aflito, continuou:—

Depois pede ao tal *Canudo*, que trazia o canudo de folha reluzente, a documentação que dentro do mesmo vinha.

Era uma grande folha de papel e um montão de selos sarabiscados e meios rasgados.

Eis a folha que consegui arrancar do *Livro das Perfilhações* e na qual estava levrada a vossa sentença. Estes são os selos que consegui arrancar tambem.

Em seguida lançou tudo aquilo ao lume e...

E quê? perguntamos Tivemos de lhe dar por todo aquele trabalho 300\$00.

O dono da casa, nervoso, irritado—disse—patife!

A cosinheira e que de quando em vez aticava o lume, balbuciou—está no inferno!!

E o hospede, mais socegado, perguntou: Sabes ler? Não, meu senhor. Sei apenas escrever o meu nome, mas nem sempre fica bem. E dum canto, como por encanto, um pequeno de 12 anos cantarolou:—

José com seis ós; Gomes com sete mes.

Anselmo de Araújo

cutar.

Em complemento, as admiráveis fotografias, duma perfeição técnica inexcédível, tanto na paisagem soberba como na corrida de *skis*, como ainda no morrer das ondas serenas ou no rebenstar impetuoso das ondas revoltas, cuja beleza e poesia a baila-

De visita ao ex.^{mo} sr. dr. Miguel Fonseca encontra-se nesta vila o sr. José Tamagnini Barbosa, estudante da Universidade de Coimbra.

—Estiveram aqui, no domingo passado os nossos amigos e patricios, residentes no Porto, srs. Manuel de Almeida, Decio Nunes e Alberto Pinto Rosa.

—Tambem esteve aqui no domingo passado, tendo retirado na segunda-feira, o nosso amigo e patricio sr. Aires Ferreira de Melo, interessado da importante joalharia David Ferreira da Silva & Filhos, de Lisboa.

Acompanhou-o sua cunhada sr.^a D. Maria de Jesus Ferreira da Silva, inteligente empregada na repartição do Ministerio do Comercio, que ha dias já se encontrava aqui de visita a sua familia.

—Estiveram em Braga, na segunda-feira passada, os srs. Francisco Monteiro Torres, dr. Adelio Marinho, dr. Lima Torres, Domingos Ferreira e filhos, Antonio Afonso, João Duarte, Antonio Veloso de Araujo, Miguel Martinho, João Maciel, José Maria da Costa, João Vieira de Castro e Emilio Vinagre.

—Estiveram tambem nesta vila, no domingo passado, os nossos amigos srs. Rogerio Ferreira Esteves e Armando Ferreira, acompanhado de sua ex.^{ma} esposa.

—Foi a Braga, com sua ex.^{ma} esposa e filhinhos, no domingo passado, o nosso amigo sr. Francisco Filipe dos Santos Caravana, brioso Capitão de Engenharia, encontrando se ainda naquella cidade devido ali ter enfermado.

—Encontra-se enfermo o sr. Placido Lamela, Farmaceutico e Tesoureiro da Camara Municipal.

—Esteve em Espozende o sr. dr. Elias Cardoso Lopes.

—A passar as férias da Páscoa, vimos nesta vila, o sr. Sérgio Silva, empregado comercial no Porto.

Ateliér Soucasaux

Muda em Abril para o Campo da Feira

rina Diomita interpretava dançando na praia.

Finalmente, as mesmas lendas, bem traduzidas e em número diminuto, eram mais frases de sentido filosófico do que o fio de Ariadne sem o qual o espectador se perde no desenrolar das famigeradas fitas de bandidos.

Nesta fita, onde não havia um *truc*—ou pelo menos um *truc* grosseiro e quasi de impossível realidade—onde apenas havia o homem e a natureza, está verdadeiramente o papel educativo do cinema.

A. Faria Duarte